

Marina Silva da Cunha

Professora Titular da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e coordenador da equipe de Atividade Econômica do projeto de extensão "Conjuntura econômica brasileira – divulgação de análises".

mrcunha@uem.br

Camila de Andrade Caetano*

ra109211@uem.br

Bolsista PET Economia

Isabela Orsoli Meneguete*

ra114004@uem.br

Bolsista PET Economia

Jedson Luiz Matos da Silva*

ra117478@gmail.com

Bolsista PET Economia

João Lucas de Melo e Silva*

ra117852@uem.br

* Acadêmicos do curso de Ciências Econômicas da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e participantes da equipe de mercado de trabalho do projeto

Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Correspondência/contato
Av. Colombo, 5.790 – Bloco: C-34 – Sala 11
Jd. Universitário - Maringá - Paraná - Brasil
CEP 87020-900

MERCADO DE TRABALHO

Análises do Primeiro Semestre de 2021

RESUMO

Resumo: No final do primeiro semestre de 2021, o mercado de trabalho brasileiro ocupava ainda não recuperou o total de postos de trabalho do início de 2020. Um total de 92,22 milhões de pessoas no primeiro trimestre de 2020 e 87,79 milhões, no segundo trimestre de 2021. Por sua vez, a taxa de desocupação que estava em 12,2% no início de 2020, após atingir 14,7%, ainda estava em 14,1% no segundo trimestre de 2021.

Palavras-Chave: Emprego, Desemprego, rendimentos

ABSTRACT: At the end of the first half of 2021, the Brazilian labor market had not recovered the total number of jobs at the beginning of 2020. A total of 92.22 million people in the first quarter of 2020 and 87.79 million, in the second quarter of 2021. In turn, the unemployment rate, which was at 12.2% at the beginning of 2020, after reaching 14.7%, was still at 14.1% in the second quarter of 2021.

Keywords: Employment, unemployment, earnings

1 INTRODUÇÃO

A composição da população em idade ativa (PIA) brasileira, do primeiro trimestre de 2020 até o segundo trimestre de 2021, pode ser observada na Figura 1. No final do primeiro semestre de 2021 são 177,15 milhões de indivíduos com 14 anos ou mais no país, já no início de 2020, no primeiro trimestre de 2020 eram 173,91 milhões. No segundo trimestre de 2021, 42,20% estavam na inatividade, 8,15% estavam à procura de emprego e 49,56% estavam ocupados.

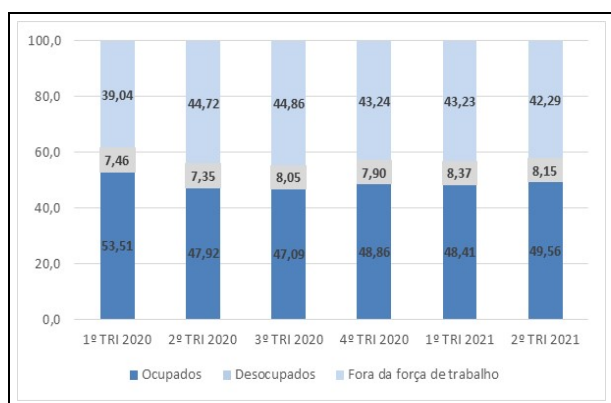


Figura 1 População em Idade Ativa conforme sua situação quanto à força de trabalho, em percentual, 1º e 2º trimestre de 2021

Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE.

No primeiro trimestre de 2021 o país ainda não alcançou o mesmo patamar de ocupação que havia no mesmo trimestre de 2020, quando a pandemia covid-19 havia apenas iniciado no país e no mundo, com 53,51% da PIA.

A inatividade estava em 39,04% no início de 2020, enquanto no final do segundo trimestre de 2021 ainda estava em 42,29%. O maior patamar da população fora da força de trabalho ou inatividade foi atingida no terceiro trimestre de 2020, com 44,86%. De fato, são ainda 74,91 milhões de inativos e mais 14,44 milhões na desocupação, no segundo trimestre de 2021.

Este comportamento do mercado de trabalho é um reflexo do comportamento da economia, que vem sendo impactada, especialmente, pela pandemia covid-19. Sendo que em 2020 o PIB reduziu em 4,1% e, em relação ao trimestre imediatamente anterior, nos dois primeiros trimestres de

2021, o PIB aumentou 1,2% e retraiu em -0,1%, respectivamente.

2 POPULAÇÃO OCUPADA

Em 2021, o ritmo de recuperação da população ocupada vem se acentuando, em que sua taxa de crescimento, em relação ao trimestre ao mesmo trimestre do ano anterior, fica positiva no segundo trimestre de 2021, conforme a Figura 2. Porém, o segundo trimestre de 2021 está sendo comparado ao segundo trimestre de 2020, quando as medidas de contenção da pandemia covid-19 eram mais amplas.

Neste sentido, de fato a população ocupada reduziu de 92,22 milhões, no primeiro trimestre de 2020, para 87,79 milhões, no segundo trimestre de 2021.



Figura 2 Taxa de crescimento da população ocupada, relação ao mesmo trimestre do ano anterior, Brasil, do primeiro trimestre de 2018 até o segundo trimestre de 2021

Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE.

A crise econômica e sanitária realçou ainda mais o cenário de desvantagens das mulheres no mercado de trabalho, conforme pode ser observado na Figura 3, especialmente no segundo e terceiro trimestre de 2020. Porém as mulheres tem uma pequena recuperação, atingindo 43,4% da ocupação no segundo trimestre de 2021.

Uma explicação para este desempenho ainda tímido no emprego feminino seria o fechamento das escolas, que ainda era preponderando no primeiro trimestre de 2021, especialmente nas escolas públicas do país. Na Figura 4 pode ser observada a composição da ocupação,

segundo sua faixa etária. A população que compõe a faixa entre 40 e 59, que no primeiro trimestre de 2020 representava 41,1% da população ocupada, cresceu até o primeiro trimestre de 2021 quando possuía 44,1%, após esse período a taxa de crescimento declinou e fechou o segundo trimestre de 2021 em baixa, com uma participação na ocupação de 43,6%.

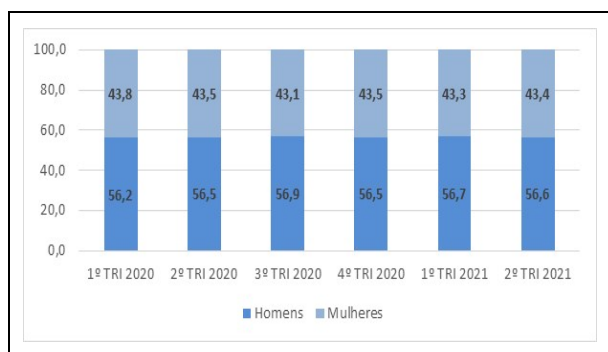


Figura 3 Composição da população ocupada, segundo o sexo, Brasil, do primeiro trimestre de 2018 até o segundo trimestre de 2021

Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE.

A população com idade entre 25 a 39 anos é a segunda maior faixa que compõe a população ocupada. Podemos notar que desde o primeiro trimestre de 2020, quando essa faixa etária tinha 37,2% da ocupação, este grupo tem queda, chegando até 34,8% da ocupação no segundo trimestre de 2021.

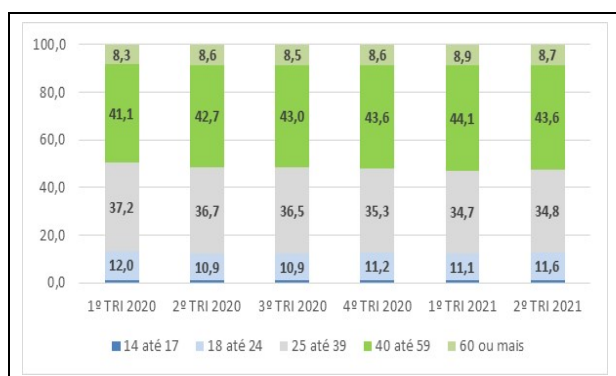


Figura 4 Composição da população ocupada, segundo a faixa etária, Brasil, do primeiro trimestre de 2018 até o segundo trimestre de 2021

Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE.

Por sua vez, outros grupos que contam com uma parcela menor da população ocupada também sofreram variações. A população de 60 anos ou mais tem aumento sua participação relativa, terminando o segundo trimestre de 2021 com 8,7%, já no primeiro trimestre de 2020 tinham 8,3. A população de 18 a 24 anos reduziu sua proporção nos postos de trabalho, foram de 12% para 11,6% no mesmo período.

Com relação à ocupação segundo o nível de escolaridade, conforme a Figura 6, notamos que houve uma variação negativa da população menos escolarizada. A parcela da população menos escolarizada do nível 1 ao nível 4 (que entendem-se por; nível 1: sem instrução e menos de 1 anos de estudo; nível 2: ensino fundamental incompleto; nível 3: ensino fundamental completo; nível 4: ensino médio incompleto) que já ocupava a menor parte da população ocupada, representavam 21,8% da população ocupada no primeiro trimestre de 2020 e no primeiro trimestre de 2021 representavam 19,8%. Esses níveis de escolaridade obtiveram um leve crescimento no segundo trimestre de 2021, para 20% da população ocupada, uma taxa de ocupação menor que antes da pandemia da Covid-19.

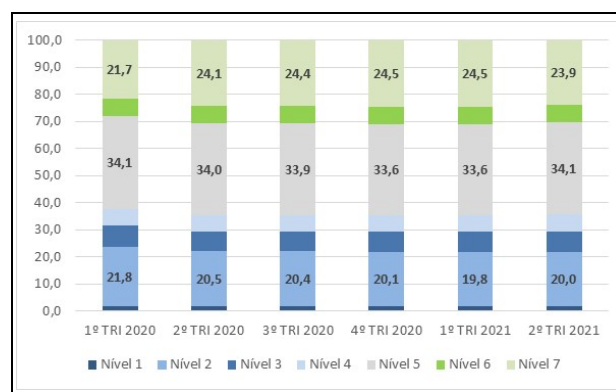


Figura 5 Composição da população ocupada, segundo o nível educacional, Brasil, do primeiro trimestre de 2018 até o segundo trimestre de 2021

Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE.

Nota: nível 1: sem instrução ou menos de 1 ano de escolaridade; nível 2: ensino fundamental incompleto; nível 3: ensino fundamental completo; nível 4: ensino médio incompleto; nível 5: ensino médio completo; nível 6: ensino superior incompleto; nível 7: ensino superior completo.

A população que no nível 5 (ensino médio completo) representa a maior parcela da população ocupada. No primeiro trimestre de 2020 compunham 34,1%, atingiram sua menor taxa no quarto trimestre de 2020 e no primeiro trimestre de 2021, uma proporção de 33,6% e, em seguida, no segundo trimestre voltaram ao seu patamar inicial com 34,1%. Assim, este grupo sofreu uma variação negativa, mas conseguiu retornar ao seu patar pré-pandemia.

Por sua vez, a população mais escolarizada, nos níveis 6 e 7 (nível 6: ensino superior incompleto e nível 7 ensino superior completo) ampliaram sua participação na ocupação no decorrer da pandemia. No primeiro trimestre de 2021 representavam 21,7% da população, obtiveram crescimento tímido até fechar o segundo trimestre de 2021 com 23,9% da população ocupada.

Por fim, podemos notar conforme se observa na Figura 6, o rendimento por setor no segundo trimestre de 2021. Destaca-se que o rendimento médio do Brasil é de R\$ 2.434,00, valor que representa um pouco mais do que dois salários mínimos nacionais, cujo valor no início do ano era de R\$ 1.100,00.

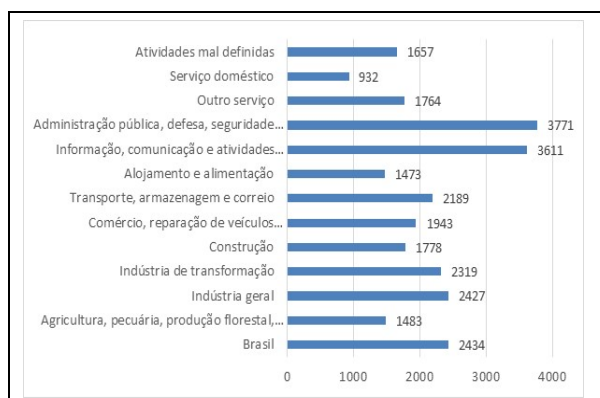


Figura 6 Rendimento médio no mercado de trabalho, por, Brasil, segundo trimestre de 2021

Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE.

O maior rendimento está no setor de administração pública, defesa e seguridade social com uma remuneração média de R\$ 3.771,00. E o menor rendimento encontra-se no setor de serviços domésticos, com uma remuneração de R\$ 932,00. Uma das

explicações para esse comportamento é o maior nível de instrução do primeiro setor.

Portanto os homens, os adultos e os mais escolarizados que tinham ampliado sua participação na ocupação desde o início da pandemia covid-19, conforme discutido em Cunha (2021), com o arrefecimento da pandemia covid-19, em geral, têm uma queda relativa na ocupação no primeiro semestre de 2021.

3 POPULAÇÃO DESOCUPADA

A taxa de desocupação no mercado de trabalho brasileiro no primeiro trimestre de 2018 até o segundo trimestre de 2021 pode ser observada na Figura 7. A taxa de desocupação é calculada como a proporção da população desocupada, em relação ao total da população que participa do mercado de trabalho, ou seja, ocupada e desocupada.

Tradicionalmente, a taxa de desemprego tem um comportamento cíclico ao longo do ano, em que atinge o maior nível no primeiro trimestre e o menor ao final do ano com o aquecimento da economia em decorrência festividades de final de ano. Desse modo, a primeira queda acentuada ocorreu no 4º trimestre de 2018 com um índice de 11,6%. No ano seguinte, em 2019, ainda no 4º trimestre, ocorreu uma queda ainda maior, com a desocupação atingindo 11% da população que participa do mercado de trabalho. Por outro lado, em 2020 e 2021, não tivemos quedas nas mesmas proporções, mas uma alta, marcando 14,6% no 3º trimestre de 2020 e, posteriormente, um nível ainda maior no 2º trimestre de 2021, com índice de 14,7%.

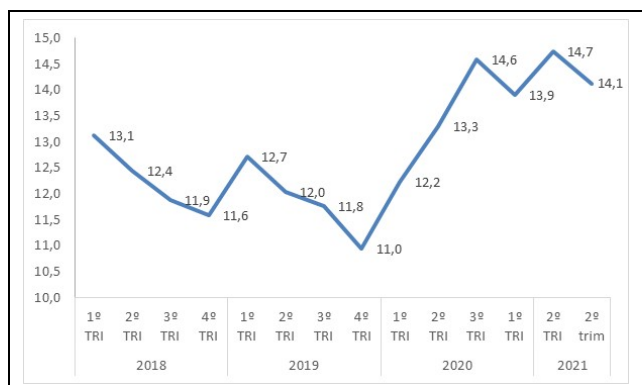


Figura 7 Taxa de desocupação trimestral, do primeiro trimestre de 2018 até o segundo trimestre de 2021

Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE.

Em 2020, destaca-se o comportamento ascendente ao longo dos três primeiros trimestres da taxa de desemprego, devido à pandemia Covid-19. Contudo, nos dois primeiros trimestres de 2021, esse indicador parece retornar ao comportamento padrão, de aumento no primeiro trimestre e queda no segundo trimestre.

No primeiro semestre de 2020, as mulheres aumentam sua participação entre os desocupados, conforme a Figura 8. A partir de o 1º trimestre de 2020 até o 2º trimestre de 2021, pode-se perceber que, apesar de haver uma variação, as mulheres, majoritariamente, possuem maior índice de desocupação, se comparado aos homens em qualquer trimestre. O 1º e 2º trimestre de 2021 foram aqueles em que elas apresentaram maiores taxas com 54,5% para as mulheres e 45,5% para os homens. Este fato pode ser justificado pelo retorno presencial de algumas escolas e o maior controle da pandemia. O 2º trimestre de 2020 foi quando os homens apresentaram a maior taxa, 50,3%, e 49,7% para as mulheres.

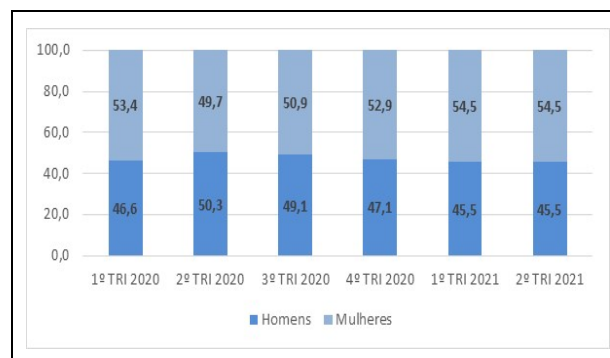


Figura 8 Composição da desocupação, segundo o sexo, Brasil, do primeiro trimestre de 2020 até o segundo trimestre de 2021

Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE.

Considerando a faixa etária da população desocupada, conforme a Figura 9. Destaca-se a faixa etária de 25 até 39 anos, com a maior parcela da população desocupada, com 33,9% no segundo trimestre de 2021.

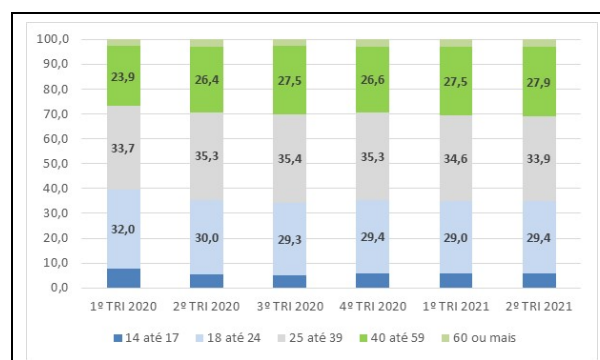


Figura 9 Composição da desocupação, segundo a faixa etária, Brasil, do primeiro trimestre de 2020 até o segundo trimestre de 2021

Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE.

A faixa etária de 40 a 59 anos, com 27,9% da desocupação no segundo trimestre de 2021, apresentou aumento neste primeiro semestre, em relação ao ano de 2020.

Os mais jovens, na faixa de 18 até 24 anos, também tem participação expressiva na desocupação, com 29,4% no segundo trimestre de 2021, e têm também um aumento do primeiro para o segundo trimestre, embora tímido. Porém, essa mesma faixa sofreu uma pequena diminuição em relação ao primeiro semestre de 2020, indicando redução da participação relativa de jovens no desemprego.

Os indivíduos mais jovens pela falta de experiência tem maior dificuldade de inserção no mercado de trabalho, além disso têm sua situação mais agravada pelo o maior nível de desemprego no país.

Os indivíduos com ensino médio completo, no nível 5, representam a maior parcela dos desocupados no país, com 40,7% no final do primeiro semestre de 2021. Este grupo passou de 40,2% no primeiro trimestre e 39,9% no segundo trimestre no ano de 2020, para 40,4% no primeiro trimestre e 40,7% no segundo trimestre em 2021, o que representou um aumento pouco significativo nesta taxa.

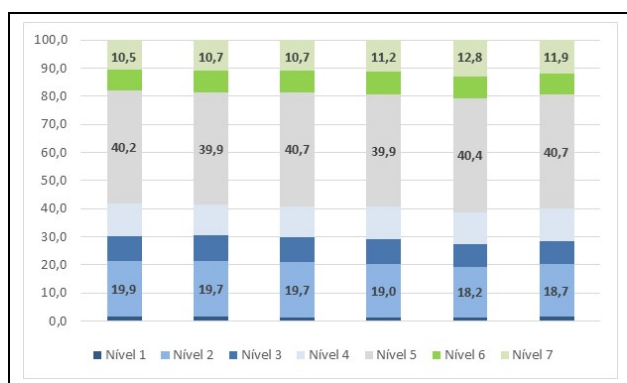


Figura 10 Composição da desocupação, segundo o nível educacional, Brasil, 1º. trimestre de 2020 até 2º. trimestre de 2021

Fonte: Elaboração própria com dados da PNADC/IBGE. Nota: nível 1: sem instrução ou menos de 1 ano de escolaridade; nível 2: ensino fundamental incompleto; nível 3: ensino fundamental completo; nível 4: ensino médio incompleto; nível 5: ensino médio completo; nível 6: ensino superior incompleto; nível 7: ensino superior completo.

O nível 2, com indivíduos desocupados com ensino fundamental incompleto, apresentou queda na desocupação no primeiro semestre de 2021, se comparado ao mesmo semestre de 2020. No primeiro e segundo trimestres de 2021, sua taxa de participação estava com 18,2% e 18,7%, respectivamente, enquanto, em 2020, estava em 19,9% e 19,7%.

Outro nível educacional que se destaca é o nível 7, que representa indivíduos com ensino superior completo ou mais, que também sofreu pouca alteração, apresentando uma taxa de 12,8% no primeiro trimestre de 2021 e 11,9%, no segundo trimestre do mesmo ano. Já nos mesmos trimestres de 2020, as taxas eram

de 10,5% no primeiro trimestre e 10,7% no segundo trimestre. Ressalta-se que esse grupo, apesar da relativa estabilidade, tem aumento no período.

Assim, da mesma forma que na ocupação, no primeiro semestre de 2021, os homens, adultos e mais escolarizados apresentam redução na desocupação. Este comportamento pode ser explicado pela saída na inatividade dos demais grupos de indivíduos, ou seja, as mulheres, mais jovens e menos qualificados, em virtude do maior controle da pandemia e da perspectiva de obter um posto de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro semestre de 2021 o mercado de trabalho brasileiro apresentou sinais ainda muito modesto de recuperação, uma vez que a população ocupada ainda não atingiu o nível do período pré-pandemia e a taxa de desocupação ainda está em um patamar alto.

De fato, no primeiro trimestre de 2021 a taxa de desocupação atinge o maior patamar do século XXI no país, com 14,7% da população que participa do mercado de trabalho procurando emprego. Um dos principais fatores que justificam tamanho crescimento dessa taxa é a pandemia do Coronavírus, que acabou potencializando ainda mais o aumento da população desocupada.

REFERÊNCIAS

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 de outubro de 2021.

CUNHA, M. S. Mercado de trabalho. **Boletim de conjuntura econômica**, n.81, p. 1-6, 2021.